



ESPAÇO ALTERNATIVO

ARMAS, ÓDIO, MEDO E ESPETÁCULO EM JAIR BOLSONARO

Deysi Cioccarì ¹

Simonetta Persichetti ²

RESUMO: Esse trabalho analisa os principais elementos que compõem a imagem do pré-candidato à presidência da República Jair Bolsonaro (PSL-RJ). As teses da Sociedade do Espetáculo (Guy Debord) conduzem a análise crítica do corpus. Entendemos que, mesmo com discurso independente, como tantos outros políticos, Bolsonaro não foge da convergência e da disputa de poderes cada vez mais intrínseca entre espetáculo, política e mídia.

PALAVRAS-CHAVE: *Imagem. Poder. Discurso do ódio. Espetáculo. Comunicação.*

ABSTRACT: This paper analyzes the main elements that make up the image of pre-candidate for the presidency of the Republic Jair Bolsonaro (PSL-RJ). The Theses of the Society of the Spectacle (Guy Debord) conduct the critical analysis of the corpus. We understand that even with an independent discourse, like so many other politicians, Bolsonaro does not escape the convergence and increasingly intrinsic power struggle between spectacle, politics and the media.

KEYWORDS: *Image. Power. Hate Speech. Spetacle. Communication.*

¹ Pós-doutoranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail: deysicioccarì@gmail.com

² Pós-doutora em Comunicação pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: s.persichetti@gmail.com

As eleições de 2014 revelaram um fenômeno observado desde 2013, mesmo que ainda timidamente: a ascensão de uma onda conservadora no Brasil no sentido de mais políticos de direita terem o voto. O Congresso eleito em 2014 nunca foi tão conservador e isso pode ser expresso nas votações da Bancada da Bala e dos Evangélicos. No último pleito, de acordo com o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), houve aumento de 25% no número de ex-policiais eleitos como deputados estaduais ou federais. O Diap mostra um aumento, na nova composição do Congresso Nacional, no número de parlamentares ligados a segmentos mais conservadores – entre eles, militares, policiais, religiosos e ruralistas. Esses parlamentares defenderam, em sua grande maioria, a revisão do Estatuto do Desarmamento, a redução da maioria penal e a criação de leis mais rígidas para punir crimes.

A Bancada da Bala, como é chamada a frente parlamentar que defende o porte de armas, é a representante política de um conjunto de ideias e atitudes que se fundamentam na percepção de que o contexto social está marcado por uma crescente e constante insegurança e desordem pública radical (FAGANELLO, 2017). As experiências de violência – compartilhadas ou vivenciadas pelos indivíduos, em conjunto com os casos noticiados diariamente pelos meios de comunicação – alimentam e acabam por traçar os contornos desse diagnóstico. Faganello (2017) lembra ainda que há um excesso de liberdade e uma perda de autoridade das instituições, sustentada pela incapacidade das leis democráticas e do Estado de Direito de promover a ordem. Na versão mais radical, essa percepção acaba por corroborar um discurso não mais pouco comum, que justifica ações extremistas e que tem como características a rejeição de uma parte essencial das regras do jogo da comunidade política e a recusa dos valores prepostos à vida pública – bem como por uma negação do entendimento das relações políticas como algo conformado por uma perspectiva gradual, negociada ou pautada para a construção de compromissos.

Jair Bolsonaro é membro ativo e uma das principais vozes dessa parcela da população que defende a redução da maioria penal e faz apologia explícita às armas. Some-se a isso o fato de ter se envolvido em casos de racismo e misoginia amplamente

divulgados pela imprensa. Bolsonaro corrobora a exacerbação de discursos negativos tão presentes na sociedade contemporânea. Há uma tensão latente nas coletividades e uma negação ética que justificam por parte de alguns as agressões políticas. Conforme aproxima-se o período eleitoral os políticos demonstram novas habilidades diante de câmeras e internet. Os movimentos da política na Sociedade do Espetáculo disputam, cada vez mais intensamente, espaços de visibilidade midiática para viabilizar suas ideias e construir sua imagem. A partir dessa tríade espetáculo, política e mídia que analisamos o pré-candidato à presidência. Identificamos, no caso do parlamentar, além de elementos oriundos do espetáculo um forte discurso de ódio e medo, propagado pela sua apologia às armas. A imprensa, em contrapartida, veicula intensamente esses posicionamentos, gerando uma espetacularização do processo. O objetivo desse trabalho é analisar como esses elementos componentes do discurso do pré-candidato à presidência compõem a construção de sua imagem. Bolsonaro utiliza suas mídias para fortalecer uma imagem de homem de família com valores conservadores, mas em paralelo uma imagem de parlamentar racista e violento é construída. Nosso trabalho analisa alguns casos divulgados pela mídia para entender a relação entre espetáculo, política e imagem em Bolsonaro. Não analisamos um contexto específico, mas uma processualidade. Casos específicos sem temporalidade serão demonstrados ao longo do trabalho que identificam o perfil do parlamentar. Nossa conclusão é que mesmo Bolsonaro, um parlamentar que se diz contrário à grande imprensa, não consegue fugir das lógicas da mídia político-espetacular.

2. Armas, ódio, medo e espetáculo

Em discurso em janeiro de 2017, em Belém, no Pará, o pré-candidato à presidência, Jair Bolsonaro, declarou: “Vamos flexibilizar muito o porte de arma no Brasil. Comigo não vai existir o politicamente correto. Vocês terão armas de fogo”³. Representante da Bancada da Bala, da onda conservadora no Congresso Nacional e dos chamados valores da família, Bolsonaro também discursa em favor de medidas repressivas no combate à criminalidade. Inclui-se aí a redução da maioria penal e o

³ Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-defende-comercio-de-pistola-50-para-evitar-condenacao-de-policiais,70002035196>. Acesso em: 5 março 2018.

combate ao Estatuto do Desarmamento. Na mesma ocasião, exaltou as Forças Armadas e disse que os militares, em um eventual governo seu “voltarão ao poder pelo voto”. Ele ainda pediu uma “salva de palmas” ao general Antonio Mourão, que recentemente causou polêmica ao defender em público a intervenção militar.

O discurso repercutiu na imprensa de todo o país e uma parcela da população que corrobora desse posicionamento vê no porte de armas a solução para os seus problemas. O campo do discurso é extrapolado quando influenciadores do mundo do entretenimento manifestam publicamente o apoio a esse tipo de opinião. Bolsonaro não é uma voz única. É representante de um discurso armamentista muito bem articulado. E que encontra, como vimos, respaldo na imprensa. Vale lembrar que a voz de Bolsonaro só encontra reverberação na transformação de fatos e acontecimentos políticos em shows que dependem de interesses recíprocos advindos da política e do campo midiático. A mídia reverbera esse tipo de ação.

O pré-candidato recebeu apoio ao porte de armas do cantor Gustavo Lima. Na semana em que divulgava as canções “Apelido Carinhoso” e “Homem de Família”, Gustavo Lima postou no Instagram uma foto com fuzil em mãos. Uma “tarde no clube do tiro”, dizia na mesma legenda em que o sertanejo declarou seu apoio ao pré-candidato à Presidência Jair Bolsonaro. Lima defende armar “cidadãos de bem”, como Bolsonaro afirma sempre que pode. Em passagem recente pelo Japão, o pré-candidato sugeriu que mulheres tenham “uma pistola em casa” em vez de contar com “aquela palhaçada da Lei do Feminicídio”. “Se a mulher tiver uma arma em casa, [o vagabundo] não vai fazer besteira”⁴.

A Bancada da Bala apoiou-se na intervenção federal no Rio de Janeiro, para reviver a polêmica do armamento no Brasil. Por pressão da Bancada, a Câmara pode destravar uma votação, há anos emperrada, por mudanças que enfraquecem o Estatuto do Desarmamento, sancionado no primeiro ano do governo Lula. Pressionado pela Bancada da Bala, o PL 30/2007 voltou a tramitar. Ele permite o porte de arma a diversas categorias fora do trabalho. O discurso armamentista encontra ressonância numa sociedade que vê em dois momentos importantes de sua história a ascensão da força

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/para-surpresa-de-japoneses-bolsonaro-e-recebido-aos-gritos-no-pais.shtml> Acesso em: 5 março 2018.

repressiva. Em 2002, um ano marcado pelo aumento dos sequestros e veiculação de notícias que expunham detalhes dessa modalidade de crime e 2006, ano em que ocorreram os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) organizados de dentro do ambiente prisional. O aumento do número de sequestros em São Paulo deu origem a uma enorme repercussão midiática que correspondeu a abertura da Comissão. O aumento em 30% de candidatos eleitos advindos das forças repressivas do Estado implica em uma mudança na defesa de interesses corporativistas ligados às carreiras de policiais e militares no ambiente do Congresso Nacional. Estes resultados foram explicitados na pesquisa “O papel do legislativo na segurança pública” realizada pelo Instituto Sou da Paz (2016, p.23):

No último pleito, foram eleitos 19 policiais, sejam da polícia militar, polícia civil ou polícia federal, um bombeiro militar e dois militares da reserva. Além do crescimento expressivo no número de deputados federais eleitos frente aos pleitos anteriores, muitos dos parlamentares associados às carreiras policiais ou militares tiveram votações expressivas em seus Estados de origem, sendo em muitos casos os candidatos mais votados. Dos 19 deputados federais associados às forças de segurança, 5 foram os mais votados em seu Estado de origem, e 9 dentre eles foram eleitos entre os 10 candidatos que mais receberam votos em sua unidade federativa.

Candidatos como Bolsonaro encontram reforço nas demandas da sociedade brasileira por alternativas repressivas. Pesquisa CNI-IBOPE aponta que 86% da população brasileira é favorável a redução da maioria penal para 16 anos. A Câmara dos Deputados possuía em 2015, 11 frentes parlamentares que tratam, direta ou indiretamente de temas associados à segurança pública. A Frente Parlamentar da Segurança Pública (FPSP), liderada pelo deputado federal Alberto Fraga (DEM/DF) e a Frente Parlamentar pelo Controle de Armas, coordenada pelo atual Ministro da Defesa Raul Jungmann (PPS/PE) são as de maior força e reconhecimento.

A espetacularização e o sensacionalismo de programas como Cidade Alerta (Rede Record) e Brasil Urgente (Rede Bandeirantes) atua então como uma estratégia capaz de dialogar amplamente com estereótipos e imaginários cotidianos. Como exposto por GOES:

A relação entre estereótipo e sensacionalismo é estreita. Não seria

exagero assegurar que o estereótipo está na base do sensacionalismo, que por sua vez alimenta-se dele e ao mesmo tempo é alimentado por ele. Os produtos da imprensa que se dedicam repetidamente ao extraordinário, ao aberrante cumprem a tarefa de apresentar pedagogicamente para a audiência quais são as referências, os padrões, os modelos de comportamento, de pessoas, de grupos que são aceitáveis e os que são reprováveis. O sensacionalismo utiliza os estereótipos para definir “eventos e indivíduos distantes a partir de imagens já conhecidas do público, moralmente codificadas, e apresentam novas situações em narrativas que mobilizam sentidos e informações que lhe são familiares”. (2013, p. 3 apud BIROLI, 2011, p.13)

Bolsonaro utiliza o discurso do medo para respaldar-se num país em que há a construção de um imaginário no qual o delinquente é sempre um “outro” distante do “cidadão de bem” e que obstrui o bom andamento da sociedade. Os aspectos identitários da vida policial como a valorização das tradições, da moralidade cristã e a espetacularização dos embates são transpostos para a vida política como forma de justificativa da proteção desses “cidadãos de bem”, o que aponta para uma cidadania cindida pela desigualdade abertamente admitida entre aqueles que merecem usufruir de seus direitos - em especial, o direito à vida- e aqueles que abandonaram o direito à cidadania para entrar no crime.

Aliado ao discurso defensor das armas, Jair Bolsonaro destaca-se por um discurso do ódio latente. Liberdade de expressão é um direito inalienável e todo indivíduo pode e deve manifestar seu pensamento sem censura, de acordo com artigo 5 da Constituição Federal. Cioccarri e Ezequiel (2017, p. 210) alertam, no entanto, para o fato de que a liberdade de expressão não é absoluta, e não pode ser invocada para a prática de intolerância e preconceito de qualquer ordem. Também não deve ser base para a defesa do uso de expressões que caracterizam postura criminosa como a difamação e a injúria, a calúnia ou a incitação a qualquer forma de violência. Quando Bolsonaro afirma “o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele” (Em um debate na TV Câmara, em 2010), Bolsonaro vale-se de sua influência como parlamentar. O que ele diz reverbera e pode soar como positivo aos seus seguidores. Um exemplo pode ser visto nos *Tweets* mais *retuitados* do parlamentar. Com 12.739 *retweets* o post em que Bolsonaro critica abertamente o homossexualismo

em tom pejorativo foi o terceiro mais replicado e mais favoritado. Isso mostra o poder de reverberação do discurso do ódio do parlamentar.



Figura 4: Tweets mais retuitados de Jair Bolsonaro

Fonte: Twitonomy

Cioccari e Ezequiel (2017b, p. 2) abordam que o discurso de ódio exige a concretização das ideias, isto é, sair do plano mental para o plano fático. Quando não é externado o discurso é apenas pensamento, emoção, não causando qualquer dano a quem porventura seja alvo.

O problema surge quando o pensamento é externado, cedendo lugar à presença da palavra. Assim, o discurso ganha existência concreta e torna-se disponível àqueles a quem visa denegrir e também àqueles a quem intenciona incitar contra os denegridos. Concretizado, o discurso realiza seus efeitos nocivos, destacando: ataque à dignidade alheia e violações a direitos fundamentais. Em suma, manifestado publicamente, o discurso do ódio causa o dano.

Por mais que em suas redes sociais Bolsonaro mostre um lado onde apoiadores fiel costumam “acotovelar-se” para uma fotografia com ele, quando externa seu discurso, o parlamentar reitera um posicionamento preconceituoso e, como no caso seguinte, homofóbico.



Figura 5: Instagram Jair Bolsonaro

Quando Bolsonaro diz “não sei quem é Pablo Vittar”, mostra ignorar toda a ascensão e história de luta dos homossexuais para não serem discriminados. Nessa análise podemos citar o episódio com a deputada Maria do Rosário (PT/RS) em que o parlamentar afirma que não a estupra porque ela “não merece”. Nas margens do texto é possível identificar um indício de uma pretensa superioridade biológica masculina, tornando a vítima “merecedora” de tal violência, sendo que essa reflexão perpassa vários aspectos da vida cotidiana. “Assim, Bolsonaro, como homem, se atribuiu o papel de julgar quando e os motivos pelos quais uma mulher poderia ou não ser estuprada [...]” (RODRIGUES, 2016, p. 47).

Em 5 de abril de 2017, o parlamentar fez uma palestra no clube Hebraica, do Rio, e disse: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”⁵. Na mesma apresentação, o aspirante à presidência da República também prometeu que irá acabar com todas as reservas indígenas e comunidades quilombolas do país caso seja eleito em 2018 e que, se depender dele, “todo mundo terá uma arma de fogo em casa”.

Em outubro de 2017, Bolsonaro foi condenado pela juíza Frana Elizabeth Mendes, da 26ª Vara Federal do Rio de Janeiro, a pagar 50 mil reais de indenização por danos morais coletivos a comunidades quilombolas e à população negra em geral. Em 3

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cp1GdBx32CM> Acesso em: 8 março 2018.

de abril de 2017, a convite da instituição judaica, Bolsonaro ministrou palestra no Clube hebraica onde afirmou que quilombolas e indígenas atrapalham a economia. Bolsonaro disse que visitou um quilombo e que constatou que o “afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”. Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriador ele serve mais”, disse. O discurso do ódio, como bem lembram Silva *et al*:

O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor. A fim de formar um conceito satisfatório, devem ser aprofundados esses dois aspectos, começando pela externalidade (2011, p. 447).

Seu discurso ganha existência concreta e torna-se disponível àqueles a quem visa denegrir e também àqueles a quem intenciona incitar contra os denegridos. Concretizado, o discurso realiza seus efeitos nocivos, destacando: ataque à dignidade alheia e violações a direitos fundamentais. Em suma, manifestado publicamente, o discurso do ódio causa o dano.

No episódio da morte da vereadora do PSOL-RJ, Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Pedro Gomes, na noite de 15 de março de 2018, Bolsonaro, sempre tão propenso ao barulho, preferiu o silêncio. Apenas seu filho, o deputado estadual Flavio Bolsonaro (PSL-RJ) prestou condolências à família da vereadora e de seu motorista, mas apagou a mensagem em seguida, segundo o jornal *Folha de S. Paulo*⁶. Já o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) foi além:

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/filho-de-bolsonaro-apaga-tuite-de-condolencias-a-familia-de-vereadora-assassinada.shtml> Acesso em: 19 março 2018.

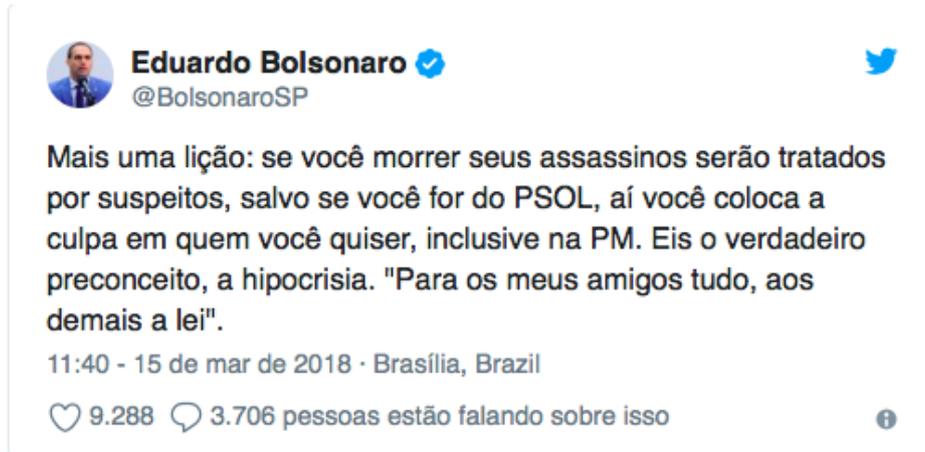


Figura 6: Twitter

E, continuou:

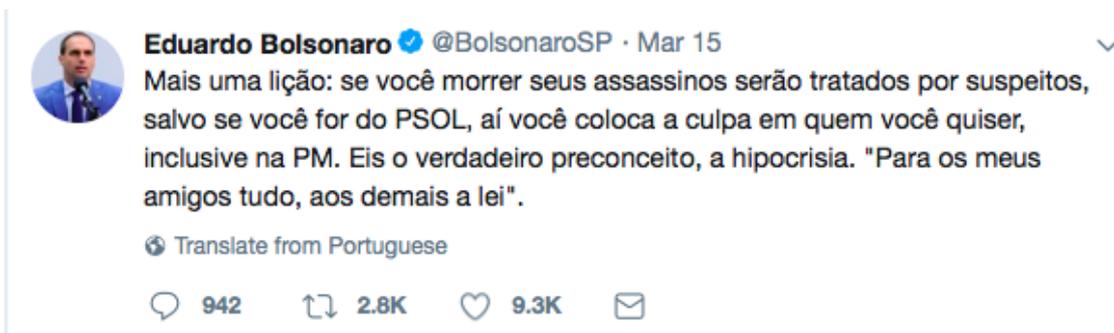


Figura 7: Twitter

Bolsonaro continuou em silêncio. Mas veio de um companheiro de Bancada da Bala uma das maiores polêmicas. O deputado federal pelo Distrito Federal, Alberto Fraga (DEM), escreveu uma série de tuítes que foram desmentidos pela equipe da vereadora morta. Num deles, Fraga dizia: “Engravidou aos 16 anos, ex-esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho”. A conta do parlamentar foi deletada.



Figura 8: Ailton de Freitas (Agência Câmara)



Figura 9: Twitter.

Em 20 de fevereiro de 2018, Jair Bolsonaro votou a favor da intervenção militar no Rio de Janeiro. No entanto, acusou o governo Temer de se apropriar culturalmente de uma ideia que pertence a ele há anos. O deputado alega que, desde que se entende por político, defende a intervenção das Forças Armadas na sociedade civil. No caso específico do Rio de Janeiro, o parlamentar criticou o poder de fogo que os policiais teriam nessa intervenção especificamente. Um dia antes do crime, ela havia publicado nas redes sociais mais uma grave denúncia da atuação da Polícia Militar (PM) na comunidade do Acari, zona norte da capital fluminense. “Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”, dizia a mensagem. Em outra postagem do dia 10 de março, Marielle chamou o 41º BPM de “Batalhão da morte”. “O que está acontecendo agora em Acari é um absurdo! E

acontece desde sempre! O 41º batalhão da PM é conhecido como Batalhão da Morte. Chega de esculachar a população! Chega de matarem nossos jovens", escreveu. O silêncio de Bolsonaro explica-se.

Na esteira de Debord (1997), Bolsonaro mediu seu gesto de acordo com uma audiência comovida pela morte da vereadora, e preferiu o silêncio. É a política de encenação, de Schwartzberg (1977), em que para tornarmos o mundo inteligível nós o teatralizamos a todo momento. As consequências de um discurso político de natureza violenta, dependendo da repercussão, podem gerar riscos alarmantes para a democracia: “Es cierto, el lenguaje político trae consigo una confrontación abierta que da paso a la erosión del sistema de valores universales que forman el piso común de los derechos humanos” (GONZALES, 2016, p. 33). Assim, o surgimento de um candidato autoritário subverte os valores da comunidade, tumultua a vida cotidiana, revelando sinais de discriminação e divisão social.

Nesse episódio da morte de Marielle e Anderson, Bolsonaro nem coadjuvante foi, afinal, contrariando Debord (1997), nem sempre o que aparece é bom. Nem sempre quem faz mais barulho deve ser ouvido.

3. Considerações Finais

Bolsonaro faz apologia às armas, mostra desconhecer a luta dos homossexuais para serem aceitos numa sociedade ainda em transformação e externaliza desrespeito às mulheres. Em suas redes sociais luta contra um perfil autoritário e punitivista que foi construído em paralelo à sua tentativa de provar o contrário. Entra em embates diretos com a grande imprensa que reverbera até mesmo seu silêncio. O grande ponto é que, sendo a mídia favorável ou não a Bolsonaro, para a compreensão teórica do espetáculo a política atualmente está completamente inserida numa lógica de paixões, emoções e dramatização. Bolsonaro e a imprensa brasileira possuem todos os mecanismos (atores e cenários, por que não dizer) necessários à lógica do espetáculo. A mídia não controla Bolsonaro e Bolsonaro nem tanto a controla. Mas as disputas e dramatizações estão presentes em todos os seus episódios. Balandier (1982, p.7) afirma que:

O poder não consegue manter-se nem pelo domínio brutal nem pela justificação racional. Ele só se realiza pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. Estas operações se efetuam de modos variáveis, combináveis de apresentação da sociedade e de legitimação das posições do governo.

A apropriação do acontecimento pelos poderes aciona paixões, sem as quais não existirá o espetáculo. No atual cenário político internacional, em que o reconhecimento dos direitos fundamentais está no centro das reivindicações, os discursos de ódio espetacularizados na mídia geram representações sociais, nas quais é possível identificar formas de discriminação e preconceito. Além disso, o debate político em campanhas eleitorais transborda nas redes sociais, palco de disputas ideológicas vazias de argumentação e de pouca consistência, onde sobram agressões, xingamentos e ódio. O ódio em Bolsonaro é repercutido intensamente pela mídia. Até mesmo o silêncio de Bolsonaro virou notícia. Virou espetáculo, repercutiu em toda a imprensa nacional. Porque o espetáculo é a forma de ser visto na sociedade contemporânea. A verdade é que a mídia precisa da política e a política, cada vez mais, precisa da mídia. Por mais que, como no caso de Bolsonaro, diga que não, ele não sobrevive sem a lógica espetacular que o circula. Espetáculo, política e mídia estão cada vez mais interligados, mesmo quando tentam agir em lados opostos.

Referências

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

BERLATTO, F ; CODATO, A . “Candidatos policiais na política nacional: uma análise dos aspirantes a deputado federal. Newsletter”. **Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil**, v. 1, p. 1-16, 2014.

BERLATTO, F ;CODATO A. “Da polícia à política: estudo de candidatos e eleitos à Câmara dos Deputados do Brasil provenientes das forças repressivas do Estado”. In: **Congreso internacional Elites y liderazgo en tiempos de cambio Universidad de Salamanca**, realizado em Salamanca,Espanha.10 e 11 de junho de 2015.

CODATO, A., BOLOGNESI, B., ROEDER, K. M. “A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador”. In: **Direita, volver!** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro / Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Codas (organizadores). – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Afrodite, Lisboa. 1967

_____. **Comentarios sobre la sociedad del espectáculo**. Barcelona: Anagrama, 1990.

DEBRAY, Régis. **O Estado Sedutor**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DWORKIN, Ronald. “Foreword”. In: **Extreme speech and democracy**. Org: Hare, I. Weinstein, J. Nova York: Oxford University Press, 2009.

GONZALES, Isaac. de P. “2016: La dimensión universal de los derechos humanos frente al discurso de ódio de Donald J. Trump”. **DIGNITAS**, año X, número 30, enero-abril 2016. P. 15-42. Disponível em:

< <http://www.codhem.org.mx/LocalUser/codhem.org/difus/dignitas/dignitas30.pdf>>. Acesso em: 19 março 2018.

Cioccari, Deysi , & Ezequiel, Vanderlei de Castro. Discurso de ódio na tribuna da Câmara dos Deputados. *REU - Revista De Estudos Universitários*, 43(1), 209-225. <https://doi.org/https://doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n1p209-225>, 2017.

EZEQUIEL, Vanderlei de Castro. **Discurso do medo e o ódio político na disputa eleitoral brasileira de 2014**. Aurora, v. 8, n. 23, p. 98-119, jun-set/2015.

FAGANELLO, Marco Antonio. **O Voto na Bancada da Bala**: Estudo de geografia eleitoral na cidade de São Paulo (2012/2016). Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 131 fls. 2017

NASCIMENTO, Gabriel Leão Augusto da Costa. **O animal político midiático**: Imagens e representações na política contemporânea. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2012, 212 fl.

WALDRON, Jeremy. **Dignity and defamation**: the visibility of hate. In: Harvard Law Review, v. 123, p. 1596-1657, 2010. Disponível em: <https://harvardlawreview.org/wp-content/uploads/pdfs/vol123_waldron.pdf> Acesso em: 12 março 2018.

_____. *The harm in hate speech*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.